

# A ANTIGUIDADE E O ENSINO DE HISTÓRIA NAS REDES SOCIAIS: UMA EXPERIÊNCIA DE HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL

ANTIQUITY AND THE TEACHING OF HISTORY ON SOCIAL NETWORKS: A DIGITAL PUBLIC HISTORY EXPERIENCE

**Thiago de A. L. C. Pires<sup>1</sup>**

Centro Universitário Celso Lisboa

**Paulo Debom<sup>2</sup>**

Centro Universitário Celso Lisboa

**Resumo:** Para muitos usuários as redes sociais podem funcionar como uma oportunidade de adquirir conhecimento e se conectar ao mundo, já para os historiadores, como um canal de comunicação para ensinar e divulgar suas pesquisas. Dessa maneira, essa prática situa-se numa zona fronteira entre História digital, História pública e Ensino de História. Nesse artigo procuramos expor alguns pontos da nossa experiência docente em História utilizando como instrumento de ensino duas redes sociais, o *Instagram* e o *Tiktok* para apresentar temas da antiguidade que possam interessar

**Abstract:** For many users, today social networks can serve as an opportunity to get knowledge and connect to the world, already for historians, can be a communication way to teach and disseminate their research. Thus, this practice is located in the border zone between digital history, public history and history research. In this article we would like to expose some points from our history teaching experience using two social networks, *Instagram* and *Tiktok*, as a teaching tool to present topics of antiquity that may be of interest to the non-academic public. For this purpose, we will

<sup>1</sup> Doutor em História pela Unirio e Mestrando em arqueologia pela Uminho – Professor do Centro Universitário Celso Lisboa, Tutor a distância em História antiga do CEDERJ-Unirio e professor da rede SEEDUC-RJ. Email: thiagokpires@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em História pelo PPGH-UERJ. Docente do Centro Universitário Celso Lisboa. Coordenador colaborador do Núcleo de Estudos de História da Moda e da Indumentária (NEHMI-UERJ). Email: paulodebom@gmail.com

ao público não acadêmico. Para tanto, exploraremos questões sobre o entrelaçamento entre Ensino de História, História digital e História pública e depois realizaremos um balanço das experiências de um dos autores desse artigo em ambas as redes.

explore questions about the interrelationship between History Teaching, Digital History and Public History and then we will make a balance of the experiences of one of the authors of this article in both networks.

**Palavras-chave:** Antiguidade. Ensino de História. História digital. História pública.

**Keywords:** Antiquity. History Teaching. Digital history. Public history.

## Introdução

*Destroyed by BBC  
I hate to bite the hand that feeds me  
So much information  
The pressure's on the screen  
To sell you things that you don't need  
It's too much information for me  
(Duran – "Too much information")*

Em 1993, o icônico grupo britânico Duran Duran lançava mais um dos seus hits (hoje quase esquecido): *"Too much information"*. A letra é uma espécie de protesto contra os canais televisivos de divulgação de notícias 24 horas por dia e ao estímulo excessivo de consumo de música. Nomeadamente, os musicistas citam a MTV, a ABC e a BBC para expor como a todo momento esses canais 'jogavam' notícias, dados, informes, músicas e comerciais em um espectador que não necessariamente queria tanta informação. A palavra mais precisa para esse cenário é excesso. E mais: a letra da música retrata como esses canais de notícias e entretenimento pressionam (*"The pressure's on the screen"*) os indivíduos a estarem sempre informados e consumindo seu conteúdo, pois ao analisar todos os ângulos expostos pelo canal (*"We covered all the angles"*) o espectador poderá ter uma percepção melhor e mais adequada do que aqueles que não assistem a ele (*"Dilate your mind"*). Aqueles sempre sintonizados nesses canais terão vantagens sobre aqueles que não o estão e estar sempre ligado torna-se quase uma obrigação daquele que assiste. Contudo, não podemos ignorar o tom de reclamação e protesto

da canção, a começar pelo próprio título: "*Too much information*" traduzido livremente do inglês significa "Informação demais" e outros versos recuperam essa ideia ("*To sell you things that you don't need*"). A música conclui como uma espécie de estafa mental, pois os musicistas proclamam que tentam, sim eles tentam ("*I try / Yes, I try / Oh, I try*"), mas não afirmam se conseguem estar sempre informados, conectados e atualizados.

A exposição acima sobre a música "*Too much information*" não é sem propósito, pois, para tratar do tema aqui pretendido, temos que ter em mente os conflitos de gerações que se desenrolaram ao longo das últimas décadas, em especial no que se refere à tecnologia, à informação e ao mundo digital. Duran Duran é uma banda dos anos 1970, que atingiu seu auge nos anos 1980, mas a música exposta é dos anos 1990 e representa os anseios e inquietudes de uma sociedade que viveu diversas estreias de canais 24h e a multiplicação ao acesso à internet. Ou seja, enquanto as gerações das décadas de 2000, 2010 e 2020 cresceram como nativos digitais (*native born*), lidando com diversas mídias e continuamente conectadas, as gerações anteriores tiveram um longo processo de adaptação (por vezes traumático) ao mundo tecnológico e ao bombardeamento de informações. Enquanto as gerações anteriores, na procura por conhecimento, investigavam informações e História por meio de enciclopédias e em caros documentários gravados em VHS, as posteriores puderam acessar respostas facilmente e rapidamente por meio de alguns poucos cliques.

O debate acima abre espaço para as seguintes questões: as novas gerações de fato consomem a grande quantidade de conhecimento (histórico ou não) que hoje está disponível no mundo virtual? Se quaisquer assuntos estão facilmente acessíveis, como um historiador pode tornar seu objeto de estudo tão interessante quanto o resultado da partida de futebol de ontem, o novo *game* que saiu para o *playstation* ou o novo filme da Marvel? Podemos ainda incluir as gerações mais experientes nesse colóquio: se antes o conhecimento histórico era de difícil acesso e agora não é, os mais velhos estão consumindo esse conteúdo? A simples existência de um conteúdo cria atração nas pessoas? Possivelmente a resposta para essas duas últimas perguntas é um reverberante não! Se tudo está disponível continuamente, eu posso consumir tudo, mas não há tempo suficiente e nem energia mental para absorver

tudo ("too much information for me"). A mente humana imersa em um mundo de tantas informações se cansa rapidamente. Em uma sociedade de "Too much information" como os historiadores podem tornar suas produções relevantes?

Essa longa introdução é uma provocação. Não pretendemos ter as respostas para as dificuldades apontadas acima e creio que nenhum erudito terá uma resposta contundente. Trata-se de um tema complexo em que historiadoras e historiadores tem se debruçado recentemente (ARAUJO, 2018; CÂMARA & BENICIO, 2017; DE CARVALHO, 2016; DA COSTA, 2015;)<sup>3</sup>. Não há resposta definitiva e nem é possível ter: as tecnologias, as redes sociais e o universo virtual são 'mundos novos' que evoluem a passos largos. Alguns especialistas tentam acompanhar esse processo, mas nem sempre conseguem com sucesso, já que a velocidade das mutações digitais é tão grande que nos encontramos por vezes atordoados (vide o futuro Metaverso). Dessa maneira, pretendemos refletir sobre esse cenário e expor nesse texto as experiências do professor Thiago Pires como historiador da antiguidade em duas redes sociais (*Instagram* e *Tiktok*) e, a partir delas, teceremos algumas considerações do processo. Destacamos que se trata de 'uma' experiência e não 'a' experiência. Para melhor situar o leitor, iniciaremos com uma exposição da intrincada relação entre ensino de História, História pública e História digital, depois exploraremos o que é o *Instagram*, o *Tiktok*, e suas particularidades, para em seguida, finalmente, apresentarmos algumas das experiências do professor supracitado com o uso dessas duas redes sociais para ensinar Antiguidade.

## **1. Entre definições e debates teóricos-metodológicos: História digital, História pública e Ensino de História**

Os educadores e pesquisadores de História têm vivido períodos tensos nos últimos anos. Em décadas anteriores, os professores estavam relativamente acostumados a enfrentar e a contornar apatias e desestímulos do cotidiano do chão de sala de aula por meio de práticas de ensino que despertassem a atenção e o interesse dos alunos. No entanto, na última década, historiadores e professores de história têm sofrido ataques de *fronts* não tão usuais: não é raro encontrar um profissional que tenha tido seus conhecimentos questionados, seus saberes

---

<sup>3</sup> Outros nomes importantes constam na bibliografia do artigo.

relativizados e sua formação problematizada em algum ambiente da internet. Na era das *fake news* digitais, os profissionais que lidam com a História sofrem diversos ataques de um público amorfo, não acadêmico, em geral conservador, que não pisa em uma escola há algum tempo e que se protege muitas vezes no anonimato de perfis falsos. Esse movimento de contestação e desmoralização do saber acadêmico na área de humanas (e não somente de História) é acompanhado da crescente presença e importância da virtualização e digitalização na sociedade. De fato, essas transformações são tão marcantes e impactantes que alteraram não só como lidamos com as informações, mas também afetaram áreas como a economia, o social e a política. O sociólogo Manuel Castells defende que hoje vivemos na era do *informacionalismo*:

No informacionalismo, a geração de riqueza, o exercício do poder e a criação de códigos culturais passaram a depender da capacidade tecnológica das sociedades e dos indivíduos, sendo a tecnologia da informação o elemento principal dessa capacidade. A tecnologia da informação tornou-se ferramenta indispensável para a implantação efetiva dos processos de reestruturação socioeconômica. De especial importância, foi seu papel ao possibilitar a formação de redes como modo dinâmico e auto-expansível de organização da atividade humana. Essa lógica preponderante de redes transforma todos os domínios da vida social e econômica.<sup>4</sup>

A esperança inicial era que a virtualização das relações e a criação dessas redes dinâmicas e auto-expansíveis provocaria a democratização de diversos conhecimentos e saberes, visto que não haveria mais apenas alguns grupos com o monopólio das fontes de informação, mas surgiriam múltiplas vozes com diferentes pontos de vistas e, assim, a cultura se tornaria mais diversificada (VAZ, 2004, p. 127). Contudo, conforme observamos no desenvolvimento tecnológico atual, o próprio *google* e outros sistemas 'guiam' as suas buscas e direcionam o que te é 'oferecido' conforme suas experiências anteriores. Esses marcadores digitais criam as famosas 'bolhas' fazendo-o imaginar que o conteúdo que você consome é também consumido por todos. Além disso, esses marcadores inibem que marcadores antagônicos cheguem até o espectador, não propiciando assim a troca de

---

<sup>4</sup> CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1998, v. 3. p. 144.

informações e a democratização dos debates (e muitas vezes fortalecendo discursos extremistas).

Nesse contexto, cabe nos indagarmos da correlação entre a virtualização de nossa sociedade atual e o papel do conhecimento histórico no contexto digital. Em um primeiro aspecto, para os especialistas em século XX, a multiplicação de fotos, vídeos, montagens e diversas imagens, sons e outras mídias retratando ou representando a 'realidade' oferecem uma incomensurável fonte de documentos, são as chamadas fontes digitais. Há uma brusca mudança de uma cultura de escassez para uma cultura de abundância, a criação contínua de um número atordoante de fontes (MAYNARD, 2016, p. 108). Quase todos os nossos momentos cotidianos podem e são capturados por vídeos, áudios ou fotos, por mais banais que possam parecer, mas esses tipos de fontes carecem de tratamentos, aportes teóricos e metodologias próprias aos novos tempos (NAPOLITANO, 2005, p. 235).

Um segundo aspecto sobre a relação entre a virtualização de nossa sociedade atual e o papel do conhecimento histórico nos é mais importante para esse texto e será nosso foco: a divulgação científica. A internet e a digitalização das relações sociais na sociedade contemporânea impactaram não somente como construímos cientificamente nossos processos de análise e para o surgimento de novos tipos de fonte, mas também como podemos divulgar o resultado final para o público leigo e a sociedade em geral. Embora seja um campo difícil de ser definido (devido a sua recente e crescente importância) nos apoiaremos no conceito de 'História digital' conforme defendido pelo historiador William Thomas (COHEN *et al*, 2008, p. 454): um campo de estudos que não somente faz uso de fontes digitais, mas que também se preocupa em como representamos e abordamos o conhecimento histórico nas mídias digitais. Trata-se de um grande e complexo campo de experimentação e de tentativas em como lidar com o problema histórico e como apresentá-lo em meios virtuais, embrenhando-se desse modo também no 'ensino de história digital'.

Ao se debruçar nos méritos de como a História deve e pode ser apresentada à sociedade nas plataformas e mídias virtuais diversas, a História digital comunga ideias, preceitos e formas também utilizadas por historiadores públicos. O historiador australiano Greame Davidson (1991, p. 4) faz uma importante provocação logo ao início de um de seus artigos: "História pública é o novo nome para a mais velha de

todas as histórias". Em outras palavras, a História inicialmente tinha como característica ser discutida, difundida e apresentada juntamente com aqueles que não se especializaram na construção desse tipo de conhecimento. No entanto, na busca de afirmação da importância de seu papel científico na sociedade, os historiadores acabaram se afastando do público leigo e comungando um linguajar, conceitos e terminologias próprias que só fazem sentido para aqueles que participam desse universo.

Com a expansão das universidades no pós-guerra e o movimento de especialização acadêmica e maior autoconsciência profissional, a ponte levadiça entre a torre de marfim e a mundo mais amplo foi gradualmente levantada. Os historiadores agora olhavam para seus pares no universo das bolsas de estudos internacionais, e não mais para a comunidade local como seu público principal. Seu papel como comentaristas sobre os assuntos do dia foi assumido por outros cientistas sociais. E eles renunciaram em grande parte ao seu papel de criadores de currículos de história e exames nas escolas.<sup>5</sup>

As universidades fomentaram questões, conceitos, pesquisas, linguagens e interlocuções que dialogavam com outros membros da academia, mas não com a comunidade extramuros. Foi um passo necessário na asserção da História enquanto ciência em relação às ciências exatas e biomédicas. No entanto, essa instrumentalização pouco possibilitou discutir nossos conhecimentos e pesquisas com aqueles que não faziam parte da 'torre de marfim'. Apenas recentemente os historiadores passaram a usar o termo 'História pública' para se referir ao seu engajamento profissional com outros setores que não sejam apenas o acadêmico, fortalece-se um novo campo de atuação e reflexão em que historiadoras e historiadores atuam nos governos, nas empresas privadas, nos meios de comunicação, nas sociedades históricas, museus e em espaços particulares (KELLY, 1976, p.1). A História pública, assim, carrega consigo uma peculiar contradição: ao mesmo tempo que é 'a mais velha de todas as histórias', é também um campo construído relativamente recente em termos históricos. Trata-se de um termo guarda-chuva que acolhe diversas outras formas de 'fazer' história, diversos outros 'tipos' de história e outros meios de divulgar e ensinar história. Como defendido, a história

---

<sup>5</sup> DAVISON, Graeme. Paradigms of public history. *Australian Historical Studies*. In: **Australian Historical Studies**, v. 24, n. 96, p. 4-15, 1991. p.4.

pública incita ao rompimento de muros acadêmicos, procura democratizar o conhecimento e criar canais de diálogo com o público leigo (ALMEIDA & ROVAI, 2011, p.7).

Com essas informações postas, ressaltamos que História pública e História digital não são a mesma coisa, são campos diferentes com características específicas, mas que dialogam entre si. A História pública pode incluir a História digital e vice-versa, mas uma não está subordinada à outra, podendo haver sinergia entre ambas. Desse modo, para esse texto, desejamos dar foco em como um instrumento digital pode auxiliar a divulgar conhecimento histórico sobre a Antiguidade: as redes sociais. Como advoga o historiador Bruno de Carvalho (2016, p. 41), nunca o historiador teve meios suficientes para alcançar um público tão amplo e heterogêneo quanto com a internet e o uso das redes sociais.

A partir do momento em que o historiador lança mão das redes sociais para compartilhar o saber histórico produzido no âmbito acadêmico, ele possibilita ao grande público produzir críticas, elaborar falas e até mesmo contribuir para a construção continuada deste saber, afinal de contas, as redes sociais, mais do que meros pontos de difusão do conhecimento, permitem o diálogo, a interlocução, o contar histórias e "estórias", permitem, inclusive, a descoberta de documentos históricos que dificilmente seriam encontrados por meio de pesquisas convencionais.<sup>6</sup>

A História pública e a História digital são importantes vetores de divulgação do conhecimento acadêmico e juntas potencializam nosso diálogo com o mundo fora da 'torre de marfim'. Todavia, tornam-se necessárias adaptações e mudanças de postura. Como aludimos anteriormente, a pesquisa acadêmica requer linguagens, conceitos e instrumentos que não necessariamente fazem sentido para o público leigo. A simples transposição de conteúdo do meio acadêmico para uma mídia social não efetiva ou favorece ao ensino. É nessa lacuna que deve intervir o 'ensino de História', ainda que com metodologias e pressupostos próprios ao meio virtual. Já chamada de 'quadro negro do futuro', a internet foi rapidamente atrelada à esperança de modernização dos métodos de ensino (GRINBERG, 2011, s/ p). A despeito de esforços, ainda há lacunas nesse diálogo, pois os meios tecnológicos

---

<sup>6</sup> DE CARVALHO, Bruno Leal Pastor. História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. *Revista Transversos*, 2016, 7.7: 35-53.



evoluem de modo bastante acelerado e os historiadores nem sempre conseguem alcançar. É importante tornar aquele tópico atrativo e palatável a fim de atingir o grande público. Conforme defende Da Costa:

A extensão da problemática da história digital e os desafios dela advindos abarcam questões relativas à produção do conhecimento histórico e à sua recontextualização didática, envolvendo, portanto, os que estão no meio acadêmico e os que militam no espaço escolar. Ou seja, conforme dito, tanto a dimensão do ensino quanto a da pesquisa na referida área estão perceptivelmente afetadas e com desafios importantes a enfrentar neste começo de século.<sup>7</sup>

Corroboramos assim com a perspectiva de Ana Monteiro e Fernando Penna (2011, p. 206), o ensino de História pode ser interpretado como um lugar de fronteira em que pressupostos teóricos da Educação e da História dialogam, convergem, conflitam e se adaptam. Para a nossa temática de estudo, essas fronteiras teórico-metodológicas tornam-se ainda mais complexas e emaranhadas porque comungam especificidades epistemológicas do campo de História digital, História pública e Antiguidade. Trata-se de um exercício contínuo de publicação, recepção de *feedback*, adaptação e continuidade, em um processo de sucessivas tentativas e aprimoramento.

Em um mundo ideal, o objetivo do ensino de história por meios digitais é diminuir a apatia dos alunos e do público em relação ao conhecimento histórico e torná-lo tão atrativo e euforizante quanto os conteúdos dos vídeos de *youtubers*, de postagens no *Facebook*, ou de mídias de blogueiros e outros influenciadores digitais (MORAES, 2018, p. 3). As redes sociais podem funcionar como ferramentas tecnológicas em que os indivíduos interajam virtualmente no processo educacional. Essas redes podem ser usadas no ensino em nosso benefício principalmente devido a duas características: 1) o tempo de interatividade é escolhido pelo usuário, isto é, há uma flexibilidade de horário em que o espectador determina quando quer consumir aquele conteúdo; 2) há a possibilidade de interação entre o criador de conteúdo e o consumidor, ou seja, não existe um papel passivo no processo de ensino-

---

<sup>7</sup> DA COSTA, Marcella Albaine Farias. Tecnologia, temporalidade e história digital: interpelações ao historiador e ao professor de história. *Mosaico*, v. 8, n. 2, p. 155-163, 2015. p. 159.

aprendizagem, mas o espectador pode colaborar ou criticar o conteúdo e o produtor alterar sua proposta (figurando assim o laço 'social') (ARAÚJO, 2018, p. 142).

## **2. *Instagram* e *TikTok* como ferramentas de Ensino de História: alguns exemplos**

A expressão "redes sociais na internet" vem sendo utilizada, tanto na mídia quanto em estudos acadêmicos, para se referir indistintamente a tipos de relações sociais e de sociabilidade virtuais que se diferenciam em dinâmicas e propósitos. De um lado, há uma ampla variedade de "comunidades virtuais" e os chamados sites de redes sociais (*Social Network Sites* – SNSes, em inglês), cuja existência e desenvolvimento são contingenciados pelo ambiente tecnológico em que são construídos. De outro, inúmeras experiências de redes sociais constituídas nas práticas cotidianas e nas lutas sociopolíticas do "mundo real", que utilizam a Internet como um ambiente de interação e/ou um espaço público complementar.<sup>8</sup>

Não há como negar a importância das redes sociais no cenário contemporâneo, tanto que observamos surgir uma espécie nova de celebridade: os influenciadores digitais. A fama dos *digital influencers* é mensurada conforme o número de *likes* e de seguidores e esses costumam ser disputados por grandes marcas para estimular o consumo de seus produtos. Mas onde fica o historiador nesse panorama? Em um mundo repleto de *digital influencers* são poucos os historiadores catedráticos e renomados que fazem uso da internet para se comunicar com um público mais vasto e disperso. As exigências acadêmicas demandam tempo e esforços que dificultam a dedicação ao mundo virtual. Qual o resultado? Outros preenchem esse vácuo (e em muitos casos de maneira não-satisfatória).

(...) o número de autores de páginas dedicadas à história tende hoje a ser muito superior ao número de autores de livros de história. Tais autores, é preciso que se lembre, formam um público diversificado (e assim a hierarquia é quebrada). As críticas e as reclamações são grandes por parte dos historiadores profissionais, por aqueles assentados em respeitadas instituições de pesquisa, diante da

---

<sup>8</sup> AGUIAR, Sonia. Redes sociais na internet: desafios à pesquisa. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Anais: Santos, 2007. p. 1-15. p. 5.

constatação de que parte considerável dos *best-sellers* escritos sobre temas históricos não é obra de membros da corporação.<sup>9</sup>

Dessa forma, retomamos a uma carcomida discussão que ocorre não só no meio acadêmico de História, mas também nos campos das ciências em geral. Os pesquisadores catedráticos permanecem em suas torres de marfins enquanto criticam aqueles que tentam tornar as pesquisas palatáveis para o grande público. Há, contudo, historiadores conceituados que se aventuram por esse ramo. Eis um pequeno e rápido levantamento de perfis no *Instagram*:

1) André Chevitarese (@andrechevitarese): Professor aposentado de História antiga da UFRJ. Em seu perfil trata de temas envolvendo Cristianismo primitivo e fundamentalismo religioso no mundo contemporâneo. Hoje possui aproximadamente 22 mil seguidores.

2) Juliana Cavalcanti (@juliana\_cavalcanti\_14): Doutora em História comparada pela UFRJ. Em seu perfil trata de temas de história dos cristianismos, estudos paulinos e estudos de gênero envolvendo figuras bíblicas. Hoje possui aproximadamente 6 mil seguidores.

3) Lair Amaro (@professorlair): Doutor em História comparada pela UFRJ e professor da rede pública estadual do Rio de Janeiro (SEEDUC). Em seu perfil trata de temas de cristianismos, mas com ênfase nos espiritismos no Brasil contemporâneo e sua aproximação com o mundo neopentecostal. Hoje possui aproximadamente 4 mil seguidores.

4) Paulo Debom (@paulodebom): Doutor em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professor do Centro Universitário Celso Lisboa. Em seu perfil trata de temas ligados as artes, pinturas, moda e cinema. Hoje possui aproximadamente 14 mil seguidores.<sup>10</sup>

Para se tornar relevante nas redes, De Carvalho (2016, p. 45) ressalta que o produtor de conteúdo deve desenvolver o que chama de 'atitude de presença', ou seja, criar estratégias de concepção e ação para tornar-se relevante em relação aos

---

<sup>9</sup> MAYNARD, Dilton Cândido S. Passado eletrônico: notas sobre história digital. *Acervo*, v. 29, n. 2, p. 103-116, 2016. p. 112.

<sup>10</sup> O número de seguidores aqui é apenas para indicar a potencialidade desse tipo de ferramenta tecnológica para a divulgação científica história. Caso algum acadêmico aponte que não há interesse da comunidade por esses tipos de conteúdo, os números são expressivos para indicar o contrário.

demais conteúdos e se converter em um referencial de informações e debates. Como aludimos anteriormente, não adianta apenas o historiador migrar as metodologias de ensino do chão de sala de aula para a internet, é preciso criar planos de execução, ter presença ativa e constante nas redes, se predispor a debates e interlocuções e ter senso empreendedor. O historiador público deve, portanto, se aprofundar em técnicas de criação de conteúdo (*design*, gravação, animações, *hashtags...*), observação de comportamentos dos usuários, índices de visita, estratégias de divulgação, entre outras métricas... É um universo novo e complexo para os historiadores que desejam se envolver nessa prática e requer conhecimentos e saberes que muitas vezes passam longe daquilo que aprendemos na academia ou mesmo na vida mundana (pois são práticas mais relacionadas com as gerações mais novas e não com as mais experientes).

Para o presente estudo, exploraremos duas redes sociais: o *Instagram* e o *Tiktok*.

Lançado pela empresa *IOS*, em 2010, o *Instagram* foi criado por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger e vendido em 2012 para a *Meta Plataformas*. Hoje, o *Instagram* é a rede social mais utilizada, ultrapassando o *WhatsApp*, o *Facebook* e o *Twitter*. Em levantamento publicado em 9 de dezembro de 2022, a plataforma possuía 2 bilhões de usuários ativos mensais.<sup>11</sup> O intuito dos criadores ao conceber o programa era simular a nostalgias das antigas fotos polaroides, em formato quadrangular, e o compartilhamento dessas mesmas fotos com outros usuários. No entanto, hoje, o *Instagram* também reproduz e compartilha vídeos curtos (os famosos *reels*) e tem investido nesse tipo de mídia principalmente devido ao surgimento de outra plataforma concorrente, o *Tiktok*.

*Douyin* é o nome original de uma plataforma chinesa de compartilhamento de vídeos, mas, quando lançada internacionalmente, recebeu o nome de *Tiktok*. Ambas existem simultaneamente, possuem algumas poucas diferenças de interface e pertencem à companhia *ByteDance*. Lançado em 2016, o *Tiktok* tem como finalidade a partilha de vídeos com no mínimo 15 segundos e no máximo 10 minutos. Hoje, o *Tiktok* possui 1 bilhão de usuários ativos mensais, mas considerando a taxa de

---

<sup>11</sup> Dados obtidos do site <https://www.websiterating.com/pt/research/instagram-statistics/> Informações levantadas em acesso no dia 09/01/2023.

crescimento e engajamento o aplicativo deve ultrapassar em algum momento o *Instagram*.<sup>12</sup>

Com essas informações postas, podemos começar a narrar a experiência do professor Thiago Pires, um dos autores desse artigo, com a Antiguidade nas redes sociais.

### **3. A Antiguidade nas redes sociais: um caso de experiência**

A partir desse momento, a narrativa desse artigo assume um tom mais pessoal e não há como ser de forma diferente: a minha experiência como um antiquista nas redes sociais surgiu devido à necessidade de maior interatividade com meus alunos e outros entusiastas, de uma demanda empírica de divulgar cursos, eventos, dados e conhecimentos sobre a Antiguidade.

No dia 12 de outubro de 2019, iniciava no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) do Rio Janeiro a exposição “Egito antigo – Do cotidiano à eternidade”. Tratava-se da exposição de um grande e rico acervo de esculturas, pinturas, objetos, sarcófagos e uma múmia do museu Egípcio de Turim. O evento findou no dia 2 de fevereiro de 2021 e foi um grande sucesso, pois levou mais de 1 milhão de visitantes ao CCBB do Rio de Janeiro<sup>13</sup> (uma quebra de recorde em uma cidade carente de materiais da Antiguidade após o incêndio que atingiu o Museu Nacional na Quinta da Boavista).

A empresa de turismo Gestto Cultural me convidou a elaborar um roteiro para apresentar com profundidade os temas, ideias, conceitos e o imaginário que envolviam o universo do Egito antigo. Esse foi o meu primeiro desafio envolvendo História pública: já era professor do ensino fundamental, médio e universitário há mais de quinze anos, mas agora enfrentava um público que não estava interessado em obter notas (que estava ali porque gostava da temática) e o ambiente físico era diferente do de uma sala de aula. No *frisson* da correria das visitas que conduzi (em alguns dias foram mais de 3 por dia), estimamos que fizemos mais de 25 visitas com no mínimo 5 participantes e com no máximo 15. Para estimular a busca por nossa

---

<sup>12</sup> Dados obtidos do site <https://pt.semrush.com/blog/estatisticas-tiktok/> Informações levantadas em acesso no dia 09/01/2023.

<sup>13</sup> <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/01/16/exposicao-egito-antigo-bate-recorde-e-leva-mais-de-um-milhao-de-visitantes-ao-ccbb-do-rio.ghtml> Informações levantadas em acesso no dia 09/01/2023.

visita, optei por criar um *Instagram* profissional: @prof.thiagopires. Esse inicialmente teve como único objetivo divulgar as visitas e registrar nossas atividades. Após o fim desse evento, iniciamos outra visita, agora no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro (MNBA-RJ), envolvendo mitologia greco-romana. Eis que, todavia, surgiu um imprevisto que atingiu o mundo inteiro: a pandemia de Covid-19.

Após o fechamento do museu e o (necessário) *lockdown* para conter o Corona vírus, novamente em parceria com a Gestto Cultural, iniciei uma série de cursos *on-line* voltados para o público não acadêmico (mas, ainda assim com a profundidade que as temáticas requeriam). Os cursos foram ministrados por intermédio da plataforma *Zoom*, tinham por volta de 4 a 6 aulas e cada aula tinha duração de aproximadamente uma hora e meia. O primeiro curso foi intitulado "Heróis, deuses e amores: o mito troiano na Grécia e Roma antiga" e o segundo "Cleópatra, Júlio César e Marco Antônio: amor e guerra entre Egito e Roma". Seguiram-se mais seis cursos envolvendo Egito, Grécia e Roma e todos tratando de Antiguidade e sua recepção em outros contextos. Saliento, portanto, que nesse estágio eu me inseria em uma outra seara da História pública: a História pública digital. As aulas *on-line* ao vivo não foram um sucesso imediato, houve um longo processo de maturação e adequação de fala, linguagem e métodos de exposição. Foi uma sucessão conturbada de erros e acertos que somente por meio de estudos e treinos árduos houve aprimoramento (e o reconhecimento do público posteriormente).

Nesse período, meu *Instagram* profissional foi de fundamental importância. Nele, divulguei quase que diariamente *posts* com informações e conteúdos relativos a História antiga. Esses *posts* visavam informar e chamar a atenção do coletivo para os cursos, mas com o fim do período pandêmico a procura por eles diminuiu e a vida 'normal' retomou o seu ritmo. Foi quando assumi uma postura mais livre com o *Instagram* e, por instigação de alunos, resolvi gravar dois vídeos declamando amadoramente alguns versos: o primeiro foi a proposição da *Ilíada* de Homero e o segundo um poema de amor egípcio antigo, contido no papiro *Chester beatty I*, primeiro conjunto, quarto poema. Essas declamações tiveram um propósito muito simples: o público leigo está relativamente acostumado a ouvir sobre documentos e fontes da Antiguidade, mas até que ponto entram em contato com elas?

Os dois primeiros vídeos de *reels* me causaram um grande impacto: os *posts*

escritos e estáticos tinham poucas visualizações e comentários, já os *reels* chamaram bastante atenção e houve maior interação do público com incentivos de continuidade da prática. Desse modo, segui gravando mais *reels*, mas não me atendo apenas as declamações, mas no formato que o professor Paulo Debom denominou de 'pílulas de conhecimento': gravações com informações rápidas e elucidativas. A proposta nunca foi trazer curiosidades (um termo bastante criticado nos estudos de Antiguidade por remeter ao fútil, ao efêmero e ao anedótico), mas instigar a procura por história, fomentar o interesse pelos clássicos e demonstrar a presença da Antiguidade no nosso cotidiano (ainda que distante temporalmente). Assim, esse formato de *reels* carregava um mundo de informação em si, pois não dialogava com outros vídeos.

Posteriormente, adotei outro tipo de formato que idealizei, uma vez que encontrei uma dificuldade que, em geral, os acadêmicos encontram ao entrar no mundo da História pública: o de ser sucinto. Com a eminência do natal de 2021, testei o formato de 'série temática', ou seja, um *reels* que pode ser visto e entendido em sua unidade, mas que ganha maior profundidade e dimensão ao ser visto com os seguintes. Para evidenciar como o formato de 'série temática' funciona, trago o exemplo de como ficou estruturada a sequência de natal: 1) o primeiro começou elucidando o papel de Cronos na mitologia grega; 2) o segundo *reels* explicou quem foi o Saturno romano e como os gregos aproximaram essa divindade de Cronos; 3) o terceiro narrou como os romanos defenderam a teoria de que Cronos/Saturno fugiu para a Itália após ser destronado por Zeus/Júpiter; 4) o quarto *reels* expôs sobre a Saturnia, reinado mítico de Saturno no Lácio com muita prosperidade e fartura de alimentos e 5) o último *reels* tratou da Saturnália, festa romana que celebrava Saturno, e suas insistentes e profundas conexões com o natal cristão. Em resumo, esse formato sequencial permite que o vídeo seja entendido em unidade, mas ganha maiores proporções e compreensão ao ser visto em continuação com outros. Dessa maneira, tomei como hábito lançar uma série temática por semana em que cada uma possuía de 5 a 7 *reels* (um vídeo por dia).

Nesse ritmo, executei as seguintes séries temáticas depois da série de 'natal': 1) Fim de ano e Ano novo em diferentes calendários da Antiguidade; 2) As amazonas na Antiguidade e sua recepção; 3) Cleópatra no contexto do Mediterrâneo antigo; 4)

O mito de Gilgamesh e a busca pela imortalidade; 5) Aquiles antes da Guerra de Tróia; 6) Gladiadores e fama na Roma antiga; 7) Os celtas e a figura de Asterix; 8) O deus Rá e o panteão egípcio; 9) Hamurabi e seu 'Código de leis'; 10) Hércules na mitologia grega e o desenho da Disney (1997); 11) A lenda de nascimento de Rômulo e Remo; 12) As sete maravilhas do mundo antigo; 13) O papel dos druidas nas sociedades celtas; 14) A atuação dos deuses gregos na Guerra de Tróia; 15) Os zigurates mesopotâmicos e a Torre de Babel; 16) A mitologia egípcia e o seriado Cavaleiro da Lua (*Moon Knight*); 17) Enéias na mitologia romana e a formação de Roma. 18) Enterramentos e sepultamentos nas sociedades celtas; 19) O deus Ana ou Anu como chefe do panteão mesopotâmico; 20) Camadas sociais no Egito antigo; 21) A cultura cretense e a figura do touro; 22) Apuleio, o Asno de ouro e história global na Antiguidade.

É importante salientar que houve três principais motivações ou eixos na escolha das temáticas: 1) Optei por não ter foco apenas na Antiguidade clássica (Grécia e Roma), mas explorar também Mesopotâmia/Pérsia, Egito, Grécia, Roma e Celtas. Poderia, sim, explorar outras sociedades antigas como o império Kush, China antiga, Hebreus ou Índia, mas a aventura em culturas fora da minha zona de conforto demandava um esforço que minha vida profissional não possibilitava. Assim, adotei um percurso rotativo: quando eu terminava a série de celtas, eu reiniciava 'temporalmente' com Mesopotâmia/Pérsia; 2) Em outros momentos, a escolha das temáticas foi em boa parte motivada pelos assuntos do momento, que tinham algum burburinho ou apelo nas redes. Chamo a atenção em especial para a série das Amazonas, pois uma nova Mulher-maravilha estreava na *DC comics* (brasileira e nascida no estado do Amazonas) e para a série envolvendo a religião egípcia e o seriado Cavaleiro da Lua (*Moon Knight*); 3) O fator 'demanda de momento' não foi o único vetor que me fomentava a escolha dos temas, alguns eram somente conteúdos que eu estava trabalhando em sala de aula ou estudando sobre. Assim ocorreu com a série sobre Aquiles na Guerra de Tróia e Hamurabi e seu 'código de leis'. Em suma, a seleção dos objetos tratados nas séries não possui um eixo fixo de proposição, mas variava conforme as necessidades contextuais e de tempo que eu dispunha para fazê-los. Sobre isso, atento em especial para os tópicos acerca das sociedades celtas que eu pouco tinha me aprofundado em minha carreira acadêmica e que, portanto,



me exigiram mais tempo de estudo e pesquisa para a produção de conteúdo.

Alguns assuntos foram de grande surpresa devido à popularidade. A série temática sobre a releitura do mito de Hércules feita pela Disney em 1997 foi a de maior notoriedade: dos cinco vídeos, três tiveram mais de três mil visualizações e um com mais de mil. A sequência envolvendo as Amazonas também alcançou prestígio pois, o *reels* que expõe porque o rio Amazonas e o estado brasileiro têm esse nome vinculado à mitologia grega chegou a duas mil visualizações. Não obstante, a 'unidade' de gravação mais assistida até o momento foi o *reels* sobre o 'olho de Hórus' no seriado Cavaleiro da Lua da Marvel, com mais de sete mil visualizações.<sup>14</sup>

Em determinado momento, meus alunos passaram a me indagar da razão dos mesmos vídeos não estarem no *Tiktok*, pois bastava descarregar o conteúdo dos meus *reels* do *Instagram* e migrar para a outra plataforma. Com a insistência deles, resolvi me render à plataforma das 'dancinhas' e fui depositando dois vídeos por dia, do mais antigo ao mais atual, até as duas plataformas sintonizarem cronologicamente. Portanto, ressalto que o conteúdo dos vídeos de uma plataforma para a outra não diferem, são os mesmos.

O perfil do *Tiktok* @prof.thiagopires foi criado em fevereiro de 2022 e, para minha surpresa, foi um sucesso imediato. O número de visualizações superou muito em relação aos *reels* do *Instagram*. No dia nove de janeiro de 2023, eu contava com dois mil quatrocentos e trinta e nove (2939) seguidores no *Tiktok* contra apenas novecentos e trinta e três (933) no *Instagram*. Os números aqui são muito expressivos, pois o perfil do *Instagram* é mais antigo que o primeiro e facilmente o mais novo o ultrapassou. Ademais, chamou a atenção para a grande diferença de visualizações do mesmo vídeo de uma plataforma para a outra.

O comparativo abaixo é apenas uma pequena amostragem de como os números de visualizações variaram entre os aplicativos. É necessário que eu, futuramente, faça um estudo e uma análise 'digital' sobre as razões de um vídeo viralizar e outro não, dado que há uma série de fatores que contribuem para isso, como por exemplo, o uso de *hashtags*, o formato das legendas do áudio e até mesmo os horários e dias mais propícios para se lançar uma gravação. Contudo, ainda assim, o comparativo é expressivo.

---

<sup>14</sup> Informações levantadas em acesso no dia 09/01/2023.

Tema do vídeo	<i>Instagram</i>	<i>Tiktok</i>
Juno Moneta e o Capitólio	4.225	732
Iara Flor e as Amazonas gregas	691	5.792
Embate Gilgamesh e Enkidu	390	356
O deus solar Rá e o escaravelho Kephri	1.722	9.236
O minotauro Nesso e Hércules	3.402	206.000
Colosso de Rodes	900	307.000
Afrodite e a Guerra de Tróia	364	119

**Tabela 1 – Comparativo de visualizações entre plataformas.<sup>15</sup>**

Devido às observações experienciadas, pude concluir alguns apontamentos prévios.

O *Tiktok* é uma rede de usuários mais jovens que o *Instagram*. Os conteúdos que dialogam com as mídias contemporâneas tendem a ter mais sucesso, vide os vídeos da *DC Comics* e a amazona Iara Flor e o vídeo sobre a figura de Nesso na mitologia grega e o desenho Hércules da Disney. Ainda sobre as releituras da Antiguidade na Contemporaneidade, houve uma grande surpresa: o vídeo sobre o Colosso de Rodes (que faz parte da série sobre as Sete maravilhas do mundo antigo). Essa gravação fez um enorme sucesso no *Tiktok* devido a uma particularidade que até então eu desconhecia. O personagem Kratos, da popular franquia *God of war*, enfrenta essa estátua três vezes quando ela ganha vida no segundo *game*. Essa é a

<sup>15</sup> Informações levantadas em acesso no dia 09/01/2023.

visualização com mais comentários na minha rede *Tiktok*, a maior parte apenas se vangloriando de ter derrotado a estátua e outros declarando que estão espantados por saber que a estátua pode ter existido na Antiguidade, ou seja, não sabiam que esse antagonista era baseado em dados históricos.

O segundo apontamento está relacionado aos comentários. Na rede *Tiktok* os usuários comentam mais que na rede *Instagram*. A maior parte dos comentários é apenas para agradecer o conteúdo, mas alguns fazem perguntas, propõem temas futuros ou reclamam quando não consigo manter a rotina de um vídeo diário. Essa é uma significativa diferença entre as plataformas, os meus seguidores no *Instagram* parecem ser um público mais velho, mais polido e que tem certo receio de comentar e cometer alguma gafe ou ser criticado, já no *Tiktok* os que me seguem parecem ser uma audiência mais jovem, participativa, argutiva e propositiva.

A minha experiência como historiador público da Antiguidade nas redes começou de forma amadora e assim permaneceu (embora eu tenha aprendido muito com a experiência e o *feedback* dos próprios usuários). De Carvalho (2016, p. 45) adverte que idealmente a 'atitude de presença' nas redes, deve se basear em cinco itens: (a) elaboração de projeto; (b) formação de equipe; (c) conhecimento técnico; (d) Pesquisa digital e (e) gestão de rede. Trata-se de um excelente guia de planejamento e de execução para quem dispõe de tempo e recursos para confecção de conteúdo, mas que na minha experiência, me dividindo em múltiplas realidades profissionais como professor de História, não consigo atender e engajar (embora reconheça sua importância). Ademais, incluiria somente um elemento a mais no roteiro elaborado por De Carvalho: continuidade. Infelizmente, devido a demandas profissionais já aludidas, precisei me ausentar por semanas das redes e fiquei sem postar *reels* no *Instagram* e no *Tiktok*, como resultado observei uma forte queda na taxa de adesão de seguidores, de visualizações, de curtidas e de comentários.

Em um universo repleto de *fake news*, a divulgação de conhecimentos históricos da Antiguidade auxilia no combate e na refutação de informações erradas, imprecisas e mal-intencionados. Apenas para ilustrar como a atuação de historiadores públicos nas redes é importante, trago um exemplo. 'Donna D2' (@momllennial\_) é uma famosa *tiktoker*, seu perfil foi criado em julho de 2020 e, na descrição de sua biografia, ela defende possuir o título de bacharel em Antropologia

e História. De início, o leitor poderia pensar que trago um caso de uso positivo de Ensino de História, contudo é exatamente o contrário: uma das polêmicas de 'Donna D2' é que ela alega que a antiga Roma nunca existiu. Em 16 de Novembro de 2021, a *tiktoker* defendeu a ideia de que a Roma antiga foi uma construção imaginária da Inquisição espanhola para fortalecer a Igreja católica medieval, e que não há qualquer documento primário legitimamente romano, apenas versões secundárias. 'Donna D2' poderia ser considerada apenas uma voz discordante e solitária no mundo da internet, mas infelizmente os números apontam para o contrário: em Dezembro de 2021, a *tiktoker* contava com 94,000 seguidores e 1.8 milhões de *likes*.<sup>16</sup> Procurei atualizar os dados sobre esse perfil na rede *Tiktok* e notei que ela agora possui uma outra conta (@momllennial\_returns) com 7530 seguidores e 69.8 mil de curtidas.<sup>17</sup> Embora os números demonstrem um decréscimo expressivo é importante sinalizar que essa *influencer* faz parte de um movimento maior de debates de teoria de conspiração e que há outros perfis que divulgam a mesma ideia.<sup>18</sup> O caso de Donna é somente um, há outros perfis que discutem e distorcem numerosas realidades históricas. Em suma, se historiadores públicos sérios e comprometidos com pesquisas acadêmicas não ocuparem esses espaços virtuais nas redes, outras pessoas mal-intencionadas o farão.

#### 4. Conclusão

O sociólogo Zygmunt Bauman (2001, p. 73) afirma que a absorção de conhecimento na fase digital em que vivemos se tornou mais utilitarista, ou seja, tende a se tornar mais instantânea e consumida quando destinada a um determinado fim. Assim, aquele conjunto de conhecimentos e saberes que antes visava formar um cidadão completo e inseri-lo em um mundo de valores e concepções humanísticas, agora é apenas um estágio ou um pré-requisito que irá impulsionar o educando para o seu sucesso profissional e financeiro. Com esses fins, as ciências exatas e com propósitos práticos teriam mais procura e a História e as Humanidades ficariam de

---

<sup>16</sup> Informações obtidas em <https://www.insider.com/history-anthropology-tiktoker-ancient-rome-not-real-backlash-viral-2021-12>. Acesso no dia 09/01/2023.

<sup>17</sup> Informações levantadas em acesso no dia 09/01/2023.

<sup>18</sup> Agradeço em especial ao graduando em história Thiago Faria Melo por ter me apresentado o caso dessa teoria. Advogo também que, por razões éticas e profissionais, optei em não intitular a referida *tiktoker* como historiadora.

fora do escopo de objetivo primário de aquisição de conhecimento, ficando quase restrita a uma elite ilustrada. Enquanto, antes, a Antiguidade era dita como conteúdo de 'alta cultura', nesse estágio todas as temporalidades históricas o seriam.

No esforço pela democratização dos saberes e da informação, concordamos com De Carvalho (2016, p. 41), o engajamento de historiadores nas redes sociais diversas e no mundo digital propicia a troca de conhecimentos e culturas, fornece subsídios intelectuais para discutir características e acontecimentos de sociedades e realidades temporalmente distantes (e também próximas), assim colaborando para debates mais esclarecidos e progressistas. Trata-se de um compromisso do pesquisador contemporâneo (mesmo que antiquista) com a História, já que, como advoga Marc Bloch (2001, p. 25), o 'erudito' precisa estar imerso em seu próprio contexto, estar sintonizado com as questões da humanidade de seu tempo, seus acontecimentos e anseios. O historiador desligado de suas questões contextuais pode renunciar ao seu posto e adquirir o título de um útil antiquário. Em meio a revolução tecnológica que vivemos, os historiadores não podem estar incólumes a eclosão e pertinência dos meios digitais na sociedade do século XXI.

Embora com um começo acanhado e uma continuidade ainda amadora, creio ter contribuído, ainda que timidamente, na publicação e divulgação de conteúdos da Antiguidade no Brasil. O estudo de História antiga no Brasil é percebido com muitos preconceitos: acadêmicos com perspectivas ultrapassadas clamam aos quatro ventos que esse campo é eurocêntrico e elitista. Ora, o Egito antigo, a Mesopotâmia e a Pérsia não ficavam na Europa e mesmo Grécia e Roma possuíam matizes de formação racial, geográfica e cultural que diferem muito da Europa moderna e contemporânea. Trago, em especial, o caso do escritor romano Apuleio (trabalhado em uma das séries de *reels*): romano de cidadania, nasceu na Mauritânia (noroeste da África), foi iniciado em cultos de mistério no Egito antigo e sua principal obra (*O Asno de ouro*) se passa em Corinto (Grécia). Qualificar esse cenário multicultural como eurocêntrico é um absurdo e os exemplos semelhantes que podem ser levantados são numerosos. No que se refere ao caráter elitista da cultura clássica, essa característica fez parte de um longo processo de apropriação dos estudos clássicos pelas elites europeias como símbolo de erudição e refinamento em detrimento a outros segmentos sociais e de sociedades consideradas 'primitivas', especialmente entre os séculos XIX e XX

(MORLEY, 2008). Ora, diversos classicistas têm desconstruído essa perspectiva em diversos estudos, demonstrando justamente as conexões entre esse 'passado distante' e a nossa realidade.

Serge Noiret (2015, p. 77) defende que uma das possibilidades da História pública é publicizar e tornar mais democrática aquilo que consideramos 'alta cultura'. Os vídeos em redes sociais, em um mundo de '*Too much information*', podem funcionar como instigadores, estimuladores na busca e pesquisa por conteúdos de História. Minha experiência com Antiguidade nas redes sociais me apontou para justamente o contrário do que meus colegas da academia defendem: que não há interesse do público brasileiro sobre as sociedades antigas (e a quebra de recorde de público da referida exposição sobre Egito antigo no CCBB também aponta nesse sentido). Os elementos da Antiguidade estão dispersos em diversos *games*, quadrinhos, filmes, palavras, arquitetura... as referências no nosso cotidiano são inúmeras. Mesmo se considerarmos que a compreensão de elementos das culturas antigas ainda hoje seja elitista, cabe a reflexão: já não passou da hora de torná-la popular?

## Referências

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; DE OLIVEIRA ROVAI, Marta Gouveia. Apresentação. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; DE OLIVEIRA ROVAI, Marta Gouveia. **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ARAUJO, Robson Victor. O uso de redes sociais como prática no ensino de história. **Jamaxi**, 2018, 2.1.

BAUMAN, Zygmunt. O mundo é inóspito à educação? In: \_\_\_\_\_. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução: Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BLOCH, Marc. A História, os homens e o tempo. In: BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 51-68.

CÂMARA, Sérgio; BENICIO, Milla. História digital: entre as promessas e armadilhas da sociedade informacional. **Revista Observatório**, 2017, 3.5: 38-56.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1998, v. 3.

CAVALCANTI, Erinaldo. "Likes" para a história no Instagram: algumas questões sobre história, ensino e representação. **Olhar de Professor**, v. 24, p. 1-19, 2021.

COHEN, Daniel J. et al. **Interchange: the promise of digital history**. **Journal of American History**, v.95, n.2, 2008.

DA COSTA, Marcella Albaine Farias. Tecnologia, temporalidade e história digital: interpelações ao historiador e ao professor de história. **Mosaico**, v. 8, n. 2, p. 155-163, 2015.

DA SILVA PRADO, Giliard. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Tempo e Argumento**, v. 13, n. 34.

DAVISON, Graeme. Paradigms of public history. Australian Historical Studies. In: **Australian Historical Studies**, v. 24, n. 96, p. 4-15, 1991.

DE CARVALHO, Bruno Leal Pastor. História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. **Revista Transversos**, 2016, 7.7: 35-53.

GRINBERG, Keila. **A História que está na moda: divulgação científica, ensino de História e internet**. 2011. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/a-historia-que-esta-na-moda-divulgacao-cientifica-ensino-de-historia-e-internet/>. Consultado em 20/10/2022.

KELLEY, Robert. Public history: Its origins, nature, and prospects. **The public historian**, p. 16-28, 1978. Explore JSTOR, volume 1, no 1, outono de 1978, p. 16-28.

MAYNARD, Dilton Cândido S. Passado eletrônico: notas sobre história digital. **Acervo**, v. 29, n. 2, p. 103-116, 2016.

MONTEIRO, Ana Maria; PENNA, Fernando Araújo. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. **Educação & Realidade**, Porto Alegre. v. 36, n.1, p. 191-211, jan./abr., 2011.

MORAES, Daniela Martins de Menezes. **Ensinar e aprender História nas redes sociais online: possibilidades e desafios para o espaço escolar**. 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

MORLEY, Neville. **Antiquity and modernity**. John Wiley & Sons, 2008.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes históricas**. 2.ed., I a reimpressão. São Paulo. Contexto, 2008.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. **Liinc em Revista**, v. 11, n. 1, p. 28-51, 2015.

VAZ, Paulo. As esperanças democráticas e a evolução da Internet. **Revista Famecos**, Porto Alegre, nº 24, julho 2004, p. 125-139.

WNDERROSCCK, Renan Carvalho. A História no Mundo Digital: breves considerações sobre as tecnologias digitais e o Ensino de História. **Epígrafe**, v. 10, n. 2, p. 330-359, 2021.

**Recebido em:** 21/02/2023

**Aprovado em:** 23/03/2023